



Dar uma palestra numa escola pública, explicar para as crianças o que faz um químico, um biólogo ou um astrônomo, não custa mais do que uma tarde e pode fazer uma enorme diferença. E vale a pena, só para ver aqueles olhares curiosos querendo aprender mais.

Quais os trabalhos em que está você envolvido atualmente?

Na pesquisa, estou trabalhando em dois temas: um ligado à questão da origem da vida e de como todos os aminoácidos, que formam proteínas nos seres vivos, têm uma estrutura espacial preferencial, como a imagem no espelho de nossas mãos: no laboratório essas moléculas aparecem como “canhotas” ou “destras”, mas nos seres vivos, todas são “canhotas”. A questão é desenvolver um mecanismo para explicar isso, aplicando-o à Terra primordial. Outra área de pesquisa envolve estruturas com extensão espacial em física de partículas, os chamados *solitons* e sua importância na dinâmica do universo primitivo.

Quanto à divulgação, fora a série nova no *Fantástico* e o livro que a acompanha, estou começando a escrever um novo livro, sobre a questão neo-platônica da perfeição na natureza e de como essa visão deve ser suplantada para que possamos criar uma nova visão de mundo.

Germana Barata



Reprodução
 “Não é o avanço da civilização que ameaça nosso modo de vida. É o avanço das hordas de primatólogos que está fazendo isso.”

HUMOR

Cartunista faz graça com o mundo da ciência

Se fazer humor em geral, seja cartuns, charges ou caricatura, já exige uma dose especial de talento, buscar o riso abordando temas científicos é ainda mais desafiador. Pois Sidney Harris construiu uma longa e profícua carreira exatamente nesse universo espinhoso do humor na ciência. Para conhecer melhor a obra desse cartunista norte-americano a

Editora Unesp lançou uma coletânea das obras, traduzida para o português, em *A ciência ri*. A publicação reúne 240 cartuns de Harris sobre variadas áreas da ciência, além de abordar temas bem atuais. Cientistas ícones como Galileu, Newton e Einstein estão entre seus personagens mais recorrentes ao lado de figuras bíblicas com o Moisés, Adão e Eva. Harris não se intimida com tópicos complexos ou sisudos e consegue fazer graça até com personalidades da ciência. Ao cartunista foi atribuído o índice de



99% de sucesso de riso por ninguém menos que Linus Pauling, criador da Teoria de Ligação de Valência e Prêmio Nobel de Química. Ao ser perguntado sobre o que havia de engraçado na ciência, o bioquímico e escritor de ficção científica, Isaac Asimov, foi categórico: “Sidney Harris”. A desenvoltura com que Harris trata da práxis científica, sem ser cientista, é surpreendente. Aborda com propriedade temas como a subjetividade do pesquisador na escolha dos dados, a ditadura dos paradigmas e a relação da pesquisa com suas fontes de financiamento. A qualidade de sua produção o fez o mais requisitado cartunista científico dos EUA. Sua carreira começou por puro interesse pela área. No início da década de 1970, caiu-lhe nas mãos o endereço da revista *American Scientist*, e ele resolveu enviar alguns trabalhos. A revista gostou e pediu mais. Daí foi um passo para seus cartuns aparecerem em publicações científicas como *Science* e *Discover*, e também de outros gêneros, *The New Yorker*, *The Wall Street Journal* e *Playboy*. A diversidade de veículos de comunicação que publicaram trabalhos seus atesta o caráter democrático da obra de Harris, acessível a leigos e cientistas.

Fábio Reynol

FONOAUDIOLOGIA

Afásicos: preconceito e falta de informação sobre o distúrbio

Dizer uma coisa no lugar da outra, não se lembrar o nome de um objeto e ter que identificá-lo por sua forma ou sua função, ficar com uma palavra “na ponta da língua”, sem conseguir lembrar dela ou, enfim, perder o “fio da meada” bem no meio de uma história. Situações como essas são bastante corriqueiras para qualquer um, mas em pessoas acometidas por uma doença chamada afasia, desconhecida por grande parte da população, a falta de um diagnóstico acaba impondo barreiras para um tratamento mais eficiente.

A constatação desse desconhecimento motivou o grupo de pesquisa do Projeto Integrado em Neurolinguística (PIN), da Unicamp, a organizar o livro *Neurolinguística discursiva: teorização e prática clínica*, a ser lançado neste primeiro semestre pela editora da universidade. “A idéia é retirar esse trabalho, que o grupo, realiza do ambiente exclusivo de teses e dissertações e colocá-lo em um veículo a que mais pessoas tenham acesso”, explica Maria Irma Hadler Coudry, professora livre-docente do Departamento de Linguística da Unicamp, coordenadora

do grupo de pesquisa e uma das fundadoras do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem da universidade.

A publicação reúne algumas pesquisas importantes que servem de reflexão não apenas sobre afasia, mas também sobre a relação do cérebro, da linguagem, e do corpo. “O trabalho traz uma nova visão sobre esse problema, apontando uma maneira de lidar com a afasia e com as pessoas afásicas diferente da tradicional”, diz a docente.

NEUROLINGÜÍSTICA O sujeito está ausente da clínica tradicional. Essa nova visão neurolinguística o traz de volta, enfatizando o sujeito, e não sua patologia. “O objetivo é colocar em pauta a discussão sobre linguagem e patologia na mídia e na ciência”, acrescenta. Esse é o primeiro livro do grupo, que tem pesquisadores em linguística, letras e fonoaudiologia.

Afasia é um distúrbio de linguagem causado por uma lesão cerebral. A pesquisadora explica que essas lesões vão afetar o domínio da linguagem no cérebro, na forma como ela é usada – isto é, o indivíduo ainda possui a linguagem, mas tem dificuldades em acessá-la e articulá-la. “A afasia quebra o fluxo da fala. Tudo o que a pessoa quer dizer, ela não consegue”, afirma. Conforme a extensão e localização da lesão cerebral, o paciente